

Apresentação do Dossiê

A Poética da Religião em Rubem Alves

Paulo Augusto de Souza Nogueira

O legado de Rubem Alves é reconhecidamente multifacetado e interdisciplinar. Sua obra abrange trabalhos na área da teologia, da sociologia da religião, da filosofia da ciência e da educação. Ele também escreveu prolificamente para além dos espaços acadêmicos, se tornando autor de obras infantis, além de poeta, cronista e ensaísta. Nos últimos anos de sua vida Rubem também revisitou temas tratados em suas obras acadêmicas, mas nos formatos voltados para o grande público.

Se olharmos para a contribuição de Rubem Alves especificamente no campo da religião e da teologia, também poderemos ver como ela é multifacetada. Isso traz dificuldades para os que avaliam seu impacto e legado. Se, por um lado, os temas da religião e, em especial, do cristianismo protestante predominam seus textos, por outro lado, eles não se enquadram numa formação teológica estrita. Seu pensamento não corresponde aos padrões de uma teologia europeia clássica, seja na rejeição de sistematizações, seja na resistência a assumir compromissos com correntes teológicas. Por outro lado, sua obra tampouco se encaixa totalmente na agenda de uma teologia latino-americana da libertação. É verdade que sua *A Theology of Human Hope* (1969) foi celebrada por muitos como obra mãe da teologia da libertação, no entanto, um exame mais detido dessa obra mostra que ela não se apropria dos mesmos instrumentais e mediações que viriam a ser norteadores para a posterior obra de Gustavo Gutierrez e seus seguidores. O pensamento teológico de Rubem Alves seguiu por décadas sem encontrar uma gaveta que lhe fosse apropriada. Mesmo nas homenagens que se seguiram a sua morte, há exatos três anos atrás, Rubem foi novamente louvado como precursor

da Teologia da Libertação. No entanto, Leonardo Boff, naquela ocasião, em uma nota em um jornal de grande circulação, destacou a diferença da contribuição de Rubem em relação aos demais teólogos da libertação, observando que seu diferencial, além de não adotar o marxismo como mediação teórica, foi se utilizar da psicanálise, e de explorar o universo da subjetividade. Essa observação aguda de Boff traz à tona uma das ênfases da obra de Rubem Alves: sua ênfase no indivíduo e na liberdade.

O fato que dificulta classificações do pensamento teológico de Rubem Alves é que ele, além de produzir uma teologia solitária em seus temas e enfoques, em sua carreira como professor universitário, escritor e palestrante, apresentava a si mesmo como educador, contador de histórias, escritor, psicanalista, omitindo muitas vezes o título de teólogo. Entre seus leitores leigos não é incomum encontrar pessoas que se surpreendem ao saber que ele *também* foi um teólogo. A religião, a Bíblia, o simbolismo religioso e o protestantismo nunca o abandonaram ou desapareceram de seus textos, no entanto, foram expressos e articulados de forma a não serem reconhecidos *como teologia* por parte dos leitores. Talvez essa postura não seja apenas a de rejeição de um rótulo, de uma escola ou uma especialidade, o que é bem compreensível da parte de quem sofreu perseguições no âmbito eclesial e recebeu duras críticas de leitores de sua tradição religiosa. O que encontramos no Rubem Alves educador, no contador de histórias, no escritor e no psicanalista, é uma nova construção do pensador da religião, de sua relação com seu público, não mais os membros das igrejas, mas as pessoas, religiosas ou não, na sociedade.

O ecletismo de Rubem Alves se não se reflete apenas em sua versatilidade em tratar com criatividade e encanto dos mais diferentes temas, mas na riqueza de gêneros literários em que o faz. Em especial, nos últimos anos de sua produção, Rubem passa a escrever pequenas reflexões, crônicas, histórias curtas, textos voltados ao grande público, ao leitor e leitora comuns. Também produziu dois relatos autobiográficos com memórias de infância (2015) e de adolescência (2014a), nas quais apresenta seu mundo encantado nas Minas Gerais de quando menino, até a solidão, os medos e o encontro com a religião na juventude no Rio de Janeiro. Não se trata nesses textos, no entanto, de relatos objetivos sobre sua vida, mas de exercícios de memória, de entrega de si em relatos que contém suas saudades e desejos. Nos encontramos com o Rubem no divã, em longa e generosa autoanálise. Estaria Rubem Alves fazendo teologia precisamente nesses gêneros, malditos por alguns como

autoajuda, nesses relatos decididamente não acadêmicos, voltados para os leigos? E se isso for teologia, que tipo de teologia seria?

Este dossiê é uma tentativa de resposta à pergunta pela maior contribuição de Rubem à teologia e aos estudos de religião, em especial em seus últimos textos, os textos “não-teológicos”. A resposta de Boff, mencionada acima, é a mais acertada das que li na imprensa nas notas póstumas. Mas ela ainda não é suficiente. A psicanálise é apenas um entre muitos dos saberes que Rubem incorporou ao seu pensamento e a subjetividade protestante é mais um pressuposto do que o tema da sua obra. Por isso convidamos estudiosos de sua obra para escrever neste dossiê que tem no título um convite para apostar numa hipótese básica. A contribuição que mais diferencia a obra de Rubem Alves - e entendemos que ela se torna ainda mais explícita em sua última fase - é abordar a religião por meio da poética e como linguagem poética. Nenhum pensador da religião o fez no Brasil recente de forma tão apaixonada e explícita. Seria essa a maior contribuição da obra de Rubem Alves? Sem pretender encontrar aqui uma solução simplificadora de obra tão multifacetada, deixaremos o problema para ser explorado e debatido pelos autores.

Talvez caiba aqui uma memória de minha geração. Muitos dos que atuam como acadêmicos na área de estudos de religião e teologia, ou que provém dessa área e atuam em outras áreas, foram profundamente influenciados pelo pensamento de Rubem Alves. E certamente não o foram por sua “quase” teologia da libertação, ou por seus insights sobre psicanálise. Educadores que leram Rubem Alves em seus processos de formação certamente terão outro Rubem para evocar e sobre o qual refletir. Mas a nossa geração de acadêmicos de ciências da religião e teologia certamente tem referências comuns, mais ou menos centrais no pensamento dele, que, sem dúvida, deixaram rastros marcantes. Mencionarei apenas dois exemplos: toda uma geração de estudantes passou a prestar atenção no cinema, não apenas como forma de entretenimento, mas como reflexão densa sobre a experiência com o sagrado. Em alguns artigos que se seguem haverá referências ao lendário *A festa de Babette* de Gabriel Axel. Alguns de nós tivemos a preciosa oportunidade de termos sido tomados pelas mãos por Rubem (ou por seus textos) e conduzidos na apreciação dessa delicada trama de amores, saudades, frustrações, expressões de gratidão, superação do ódio e do medo, por meio da comida, dos sabores e dos prazeres. Nas imagens, nas metáforas poéticas, encontramos com o sabor, a emoção e com o corpo. A festa de Babette foi interpretada por Rubem Alves como paradigma de relação com o sagrado, relação centrada no prazer

e no corpo, um modelo, dentre outros possíveis, de sua abordagem da religião por meio da estética. Sabor, beleza, prazer, sagrado, corporeidade passam a caminhar juntos, inseparáveis, inegociáveis na reflexão estético-teológica que Rubem Alves incutiu em nossas mentes e corações.

Há outro campo bem concreto no qual Rubem marcou profundamente essa geração de acadêmicos. A relação entre a teologia e a literatura, hoje tão celebrada e proficuamente estudada, era um tema incipiente, relativamente desconsiderado nos anos 80. A teologia da libertação, à qual o pensamento de Rubem esteve ligado inicialmente, não tinha na literatura sua interlocutora. O chão era mais concreto, as lutas urgentes, as utopias pouco estéticas também. Rubem, no entanto, na contramão das tendências, começou a inserir em seus textos e palestras diálogos com autores surpreendentes, como nada menos que Fernando Pessoa, Manoel Bandeira, Manoel de Barros, Adélia Prado, Walt Whitman, T. S. Eliot, entre tantos outros. Os poetas não faziam parte do acervo dos teólogos. Com Rubem, a poesia passou a ser algo mais do que um acervo para ilustração de verdades a serem encontradas e expressas mais adequadamente em outro lugar. A poesia, a palavra-imagem, está no centro do pensamento religioso, em seu estrato mais primitivo, curiosamente desconsiderado pela teologia acadêmica. A poesia é a própria referência teológica de Rubem: as imagens, que tornam o ausente presente, que evocam na saudade o que se perdeu, as coisas, lugares e pessoas amadas, ocupam lugar central nessa reflexão. Trata-se de palavras com poder de consubstanciação, de provocar prazer, emoções. Prazer e emoção remetem novamente ao universo do corpo, da palavra que se faz carne. Uma teologia poética, que se pauta por essas metáforas mágicas, reverbera no corpo. Seria a estética da reverberação seu método teológico? E mago que manipula palavras, sua profissão? Curiosamente, repetindo seu jogo de esconde-esconde, de teólogo que não fez referência à sua arte, Rubem reescreveu no fim de sua vida, em 2011, *Variações sobre o prazer* (2014b). Para os desavisados, mais um livro de autoajuda. No entanto, se o folhearmos cuidadosamente, encontraremos ali a reescritura de seus temas, de suas variações sobre o mesmo tema, que trazem, no crepúsculo, repetidos, amadurecidos e costurados: o corpo, a imagem, a poesia, os sabores (e com ele Babette), o prazer, em conversas com seu Santo Agostinho, Nietzsche, Barthes e Bachelard. E claro seus amigos, os poetas.

As ciências da religião no Brasil, nos últimos anos, estão re-descobrimo o campo das ciências da linguagem, que se convencionou chamar linguagens da religião. Cada vez mais são articulados temas, pessoas e publicações em

torno da expressão e articulação da religião nas mais diferentes linguagens, seja visual, gestual, oral, escrita. Estuda-se na área as diversas semióticas, a cultura visual, a teoria literária, a poética, a narratividade, a performance, etc. Tudo isso aliado ou em interessante tensão com as tradicionais hermenêuticas. Na verdade, os temas já estavam dados e as metáforas ofertadas. As estórias, repetidas e repedidas, sempre com novos sabores, davam corpo a um conjunto de pistas e provocações. A obra de Rubem Alves já estava há mais de três décadas diante de nós, nos mais diferentes gêneros, nos convidando para refletir a religião e sua poética. Este dossiê aceita esse convite.

Fazendinha, 19 de julho de 2017.

Referências

RUBEM, ALVES. *A Theology of Human Hope*. Washington D.C.: Corpus Books, 1969.

_____. *O sapo que queria ser príncipe. Adolescência e juventude*. São Paulo: Planeta, 2014a (2ª. ed.).

_____. *Variações sobre o prazer*. São Paulo: Planeta, 2014a (2ª. ed.).

_____. *O velho que acordou menino*. São Paulo: Planeta, 2015 (2ª. ed.).